

O Impacto da Introdução do Citrato de Sildenafil nos Custos Marginais de Produção do Cinema Pornográfico e na Reestruturação do Mercado¹

F.-W. Glommer

Em meados dos anos 1990, o acesso à pornografia, sobretudo na sua modalidade audiovisual, impunha ainda certos contratemplos. A fita-cassete, entretanto, precisamos lembrá-lo, constituiu colossal avanço na promoção do ramo a partir da década de 1980 em cotejo com o período anterior dos cinemas pornô. A apreciação da arte do italiano Rocco, do americano Buttman, da húngara Cicciolina, do pastor-alemão Rufus entre outros que animaram a puberdade de muitos exigia, até pouco, o constrangimento do contato, ainda que superficial, com os funcionários da locadora de vídeo; nos cinemas nem pensemos em quais fluidos. Como há grande elasticidade na demanda por pornografia em face à privacidade (afinal, sacanagem e falso moralismo sempre andaram juntos), por um lado, as produtoras expandiram substancialmente suas receitas quando puderam encontrar condutos mais discretos de oferta; e, por outro, a substituição da película pela fita-cassete permitiu que os custos com tais insumos caíssem a 10%.²

No entanto, o trabalho continuava caro, mesmo considerando-se, por estimativa da densidade de caroços na bunda,³ o valor relativamente baixo do michê das atrizes. Encarecia-o, sobretudo, os métodos de manutenção da ereção peniana dos atores (estado resultante de maior afluxo sanguíneo aos corpos cavernosos e na literatura especializada denominado como *pau-durecência*⁴), métodos esses que resultavam num baixo produto marginal do trabalho. Para impedir a volatilidade do órgão sexual, especialmente na sua conjuntura maxideflacionária, de modo algum desejada em tela (segundo Kinsey, *broxada*⁵), os produtores socorriam-se duma mão-de-obra (nunca o termo se aplicou com tanta justeza) que aquecia os atores entre as tomadas – ou, mais propriamente, metidas. Tais profissionais, que davam essa significativa mãozinha, chamavam-se *fluffers*.⁶ Para agravar o quadro, a legislação trabalhista restritiva à mão invisível e boba do mercado (quem nunca enfim foi por ela bolinado?) encarecia artificialmente o preço de tais serviços, afrontando as necessidades mais básicas da vida em sociedade, pois, já dizia o famoso jusnaturalista seiscentista, bronha é como água: não se nega.⁷ E, no final das contas, uma mão lava a outra.

¹ Originalmente publicado na *Neupreußische Zeitschrift für Wirtschaftswissenschaft und Handlesen*. Agradeço aos comentários da minha estimada colega Prof.^a P. Brewster.

² VARIAN, Hal R. *Microeconomics Analysis*. Nova York: W. W. Norton & Company, 1992, 3ª ed, p. 52.

³ PRICK, Dick. “A stochastic method of counting cellulite with neutron bombardment”, *Science*. 1994, v. 41. Esse artigo permitiu aperfeiçoar bastante a técnica de contagem, que até então se baseava nos procedimentos de GALTON, Francis, “The determination of the female gluteal cellulite by means of a nasty slap”, *Nature*, 1882, v. 19. A partir dos estudos de Prick, pude desenvolver a fórmula $M = K \log I / (C/I) I$, onde M = michê; C = número de caroços; I = área; I = idade; K = constante referente ao índice médio dos preços na zona de meretrício.

⁴ REICH, Wilhelm. *Sex: Wie er klappt und wie viel er kostet*. Bochum: W. Gruyter, 1987. [Trad. portuguesa: “Sexo: como funciona e quanto custa”]

⁵ KINSEY, Alfred. “On a new sexual phenomenon observed on the courteous reader”, *Oh Yeah! Bimonthly and Bisexual Transactions of the American Swingers' Association*, 1951, v. 3.

⁶ <http://en.wikipedia.org/wiki/Fluffer>.

⁷ PUFENDORF, Samuel. *De hominum naturalibus juribus libri tres*, ed. Feigbäumchen, § 27: “Onanismus societatis pacem conservandi causâ oportet et etiam favendum, quoniam, si quid rarò fornicat et sementem omninò non emittat, stupro propensior erit. Sipienti aquam non modò humanitate damus, sed etiam ut furiosus expesque ille non nosmet noceat; aequè tristis fornicatoris urgentiam applicare debemus, ut non mala societati paret, manu sola naturaliter, quod aliis partibus haud decorum est.”

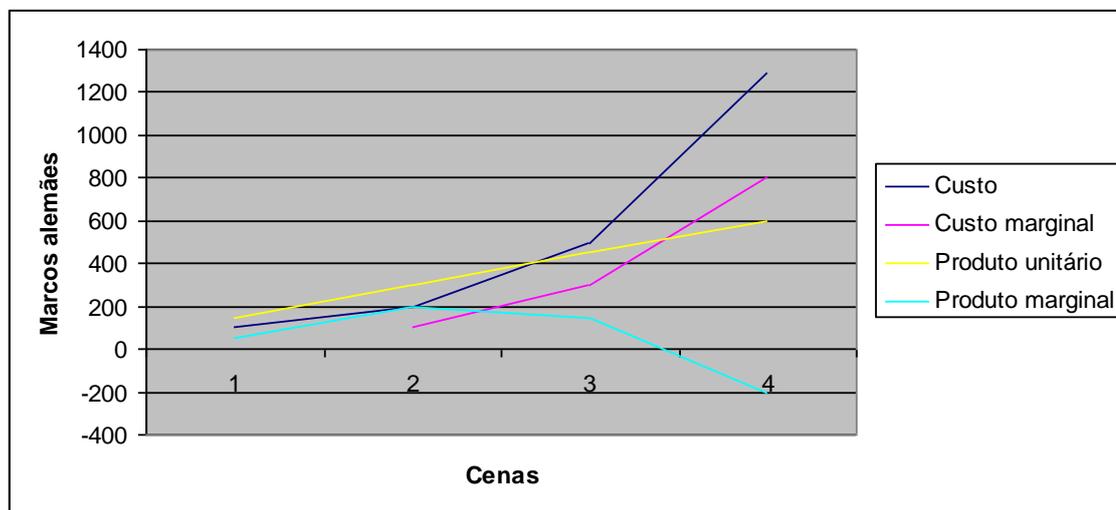
Percebe-se logo que havia desperdício de fatores de produção e, como é ponto pacífico na teoria microeconômica, a única maneira de incrementar esse produto marginal do trabalho seria a reestruturação produtiva.⁸ *Ceteris paribus*, podemos ver essa relação na Tabela 1, obtida por estudos empíricos.

Tabela 1

Cenas por ator (fator variável)	Custo (marcos alemães)	Custo marginal	Produto total	Produto marginal
1	100		150	50
2	200	100	300	200
3	500	300	450	150
4	1300	800	600	-200

A queda na produtividade marginal do fator variável (isto é, o número de cenas nas quais certo ator participa) é decorrente da gradual exaustão da capacidade fornicativa, pela primeira vez reconhecida por Ricardo sob o nome de *lei dos rendimentos decrescentes*.⁹ Quanto mais se aumenta o número de cenas, para manter a eficiência do trabalho do ator, requerem-se mais e mais *fluffers*, encarecendo por conseguinte o custo marginal, sobretudo a partir do ponto em que estas desenvolviam tendinite, o que acarretava às produtoras gastos com tratamentos médicos e dissídios trabalhistas. Como a Tabela 1 mostra, já na quarta cena o trabalho do ator se torna absolutamente contraproducente, constituindo duas cenas o ponto ótimo. Gráficamente a correlação entre a curva do produto marginal e a empolgação do *membrum virile* do ator obvia-se:

Gráfico 1



Eis que, em 1997, a Food and Drugs Administration dos Estados Unidos aprova a comercialização do citrato de sildenafil, vendido sob o nome-fantasia de Viagra, como

⁸ TAVARES, Maria da Conceição. *Inflação sem Dor*. Brasília: Ministério da Fazenda, 1982, 78ª ed., p. 121.

⁹ RICARDO, David. *On the Principles of Political Economy and Taxation*, cap. II.

o cortês leitor pode confirmar atrás do espelho do seu banheiro. O trovão-azul não só se revelou a pedra filosofal que convertia barro em tijolo para a legião de impotentes e meias-bombas (inclusive, estou certo, o cortês leitor), mas também permitiu a otimização dos custos no cinema pornográfico pela dispensa das *fluffers*.¹⁰ Possibilitou outrossim o incremento da produtividade marginal do trabalho do ator pornô, que agora podia atuar em mais cenas mediante a simples ingestão dum comprimido. Noutras palavras, o Viagra fez muito mais por muito menos.

O citrato de sildenafila por si só, para recordar Schumpeter, constituiria mera *invenção* farmacêutica e seria incapaz de promover o intumescimento palpitante da indústria pornográfica sem o auxílio duma *inovação* coetânea nos meios de comunicação: a internete, a rede mundial dos computadores.

O *take-off* da pornografia pode ser assim sumariado, no que concorda muito bem como o modelo proposto por Rostow¹¹:

Ponto A – Introdução do Viagra permite a dispensa das *fluffers*.

Ponto B – Queda nos custos marginais de produção dos filmes favorece a formação de capital.

Ponto C – Capital acumulado passa a ser invertido e transviado em saites da internete, a rede mundial dos computadores.

Ponto D – Elasticidade entre privacidade e pornografia alavanca a assinatura de clientes nos saites de tchacatchacanabutchaca.

Ponto E – Aumenta o volume de capital na internet (90% pornografia).

Ponto F – Mais pessoas passam a usar a internete, a rede mundial dos computadores, pelo acesso facilitado à pornografia (todo mundo, claro, mentindo ser para fins educativos, para ver as fotos da Mars Pathfinder etc. etc.).

Ponto G – Desenvolve-se uma espiral de crescimento.¹²

Atingimos assim o ponto almejado.¹³ A associação estreita entre a internete, a rede mundial dos computadores, e a pornografia patenteia-se ademais pela própria contigüidade geográfica dos seus grandes centros: refiro-me aos *Silicon* e *Porn Valleys* californianos.

Graças à reestruturação dos métodos produtivos e do mercado, a sacanagem tornou-se comodamente acessível aos lares de todos, inclusive dos mais rigorosos puritanos, onde o único meio até então tolerável de satisfação da libido era o incesto, trazendo assim paz, harmonia, progresso à Humanidade e sábados à noite felizes aos celibatários.

* * * * *

Post-scriptum: Muitos dos corteses leitores – diria mesmo a sua totalidade – inquietaram-se com a pretensa abordagem machista do artigo por só haver mencionado *fluffers* no feminino, quando, assim mo informaram, também homens punham a mão na massa, presumo que nos filmes homossexuais. Como venho desde sempre limitando

¹⁰ Para a situação da carreira, cf. GRÃO, Alfonso. *Fluffers, Datilógrafas, Telegrafistas e Taxidermistas na Sociedade Pós-industrial*. Tese de doutorado. Departamento de Antropologia, UFRJ, 1999.

¹¹ ROSTOW, W. W. *The Stages of Economic Growth: a non-communist manifesto*.

¹² O artigo do Prof. F.-W. Glommer veio à luz em fevereiro de 2000, portanto antes do estouro da bolha ponto-com, que ele próprio viria a caracterizar posteriormente como *petite mort* durante o simpósio “A Terceira Idade e as Roupas de Couro”. (*N. dos Tr.*)

¹³ Sobre essa problemática tópica, que chegou a envolver Bolyai, Lobachevsky, Riemann entre outros, vide meu artigo inédito “Será a Kombi um carro? Investigações ontológicas e metafísicas”, no qual, além de explicar como se preparam ovos *pochés*, tento rebater as teses dos neokantianos sobre a incognoscibilidade do Ponto G.

minhas pesquisas à produção hetero-espada (salvante o caso de Rufus, o pastor-alemão, cuja carreira admirável acompanho há anos¹⁴), creio que o cortês leitor, muito mais que eu, tem entendimento aprofundado, para usar a expressão de Foucault, acerca do “lado negro da Força”.¹⁵

Traduzido por Álvaro Figueiró e Alfonso Grão, maio de 2012

¹⁴ Em todo o caso, o fabuloso Rufus atua como heterossexual ou, ao menos, *meta-heterossexual*.

¹⁵ BORNAY, Clóvis (org.). *Foucault et Barthes: une nuit animée*. Nova Friburgo: Éditions Paon de l'Indonésie, 1977.